CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SIAMO DONNE – DIVAS DO CINEMA ITALIANO
15 e 20 de Novembro de 2021

MALIZIA / 1973
(Malícia)

Um filme de Salvatore Samperi

Realização: Salvatore Samperi / Argumento: Salvatore Samperi, Ottavio Jemma e Alessandro Parenzo, baseado numa história original de Samperi / Direcção de Fotografia: Vittorio Storaro / Direcção Artística: Ezio Altieri / Música: Fred Bongusto / Som: Italo Cameracanna e Mario Dallimonti / Montagem: Sergio Montanari / Interpretação: Laura Antonelli (Angela), Turi Ferro (Ignazio), Alessandro Momo (Nino), Tina Aumont (Luciana), Lilla Brignone (avó), Pino Caruso (Don Cirillo), Angela Luce (Ines Corallo), Stefano Amato (Porcello), Gianluigi Chirizzi (Nuccio), Grazia di Marzá (Adelina), etc.

Produção: Clesi – Dino de Laurentiis / Produtor: Silvio Clementelli / Cópia: digital, colorida, falada em italiano com legendagem em português / Duração: 97 minutos / Estreia em Portugal: 29 de Maio de 1974.

***

Os anos 1970 foram os anos do grande sucesso de uma declinação – ou uma mutação – da "commedia all'italiana", que os italianos chamam a "commedia sexy". Haverá sociologia bastante, e certamente incluindo o crescente peso da televisão, para explicar esta irrupção do erotismo explícito no panorama da produção corrente italiana, a que nem escaparam muitos dos mestres vindos dos anos 50 e 60, como Luigi Comencini ou Alberto Lattuada, que ao longo desta década também vieram dar um passinho a esta dança (**Dio, come Sono Caduta in Basso**, para Comencini, **Le Faró da Padre**, para Lattuada, para ficar com dois exemplos vistos nestas salas há não muitos anos). Outro filme que a Cinemateca já exibiu, **Il Commune Senso di Pudore**, uma das experiências de Alberto Sordi como realizador, abordava o fenómeno com bastante graça e algum lamento, como um ajuste de contas com o que restava da vertente "popular" do cinema italiano nos anos 70, mas também com as suas proezas mais "intelectuais" (caso, sobretudo, de **L'Ultimo Tango a Parigi**, que Bertolucci estreara no ano anterior ao do filme que vamos ver, **Malizia**, de Salvatore Samperi).

Samperi (1944-2009) não é hoje um realizador muito considerado, e na verdade **Malizia**, que dirigiu com 29 anos, foi o seu momento de maior sucesso, no mesmo passo em que impôs Laura Antonelli como uma das "divas" da "commedia sexy". Tão "vertical" foi este momento na carreira de Samperi que, vinte anos depois, à entrada dos anos 90, o tentou replicar explicitamente com uma sequela, **Malizia 2mila** (assim mesmo, com algarismo), onde voltava a contar com Laura Antonelli. Rezam as crónicas que o insucesso dessa sequela foi tão grande, e o filme tão ridicularizado pelos críticos italianos, que Samperi pôs fim à sua carreira de realizador de cinema, passando o resto da sua vida a trabalhar apenas para televisão.

Para perceber que este tipo de filmes está profundamente ligado a uma época, sobretudo nos países da Europa católica do sul há muitos anos sexualmente reprimidos, de forma oficial ou oficiosa, por uma moral, e para citar o título de Sordi de que falámos acima, assente num "sentido comum do pudor" que entretanto, e por várias razões, se estilhaçou, não é preciso mais do que uma sociologia "instintiva". Já agora, vale a pena notar que **Malizia** se estreou em Portugal em Maio de 1974, um dos muitos títulos que não passariam na censura até um mês antes e que, mal foi possível,

começaram, como uma cascata, a desabar sobre as salas de cinema portuguesas. Hoje, é difícil perceber se Samperi e os seus argumentistas levam a sério ou não o que o filme sugere enquanto exame crítico e sarcástico dos tradicionalismos da sociedade italiana (mais precisamente, siciliana), os lugares de homens e mulheres e as relações entre eles no matrimónio ou para além dele, a clivagem das sensibilidades inter-geracionais, etc. É verdade que isso, e com alguma boa vontade pode-se encontrar até uma "intenção", está no filme, mas é duvidoso que alguém fosse ver **Malizia** à procura de tal crítica, por mais sarcástica do que ela fosse. A razão de ser, o sal e a pimenta do filme de Samperi, está no erotismo, um erotismo que, embora possa lembrar Buñuel nalgumas cenas (o do **Journal d'une Femme de Chambre**, por exemplo), é demasiado exposto, demasiado básico, para conter a mais pequena gota de buñuelianismo. A diferença, já agora que fomos por aí, é que o voyeurismo, em Buñuel, virava-se sempre contra o espectador, e contra os seus próprios desejos e tentações. No filme de Samperi, tudo vive em paz e harmonia: há uma sincronia total entre o olhar das personagens do filme (os rapazes obcecados com a criada futura madrasta) e o olhar que o filme pressupõe ser o do espectador. Os rapazes querem ver Laura Antonelli nua, e o espectador, no fundo, também. E portanto, se o filme gere essa expectativa com alguma graça (mas sem ser alguma vez, e voltamos a Buñuel, um ensaio sobre a frustração), nunca se duvida, em momento algum da duração de **Malizia**, que tanta espera e tanta frustração vão ser recompensadas. Dito e feito, o "prémio" à paciência do espectador chega, com uma cena de sexo explícita (singularmente desajeitada e incomodativa, sem que isso seja forçosamente intencional) e a plena nudez de Antonelli, em frente a uma câmara que a segue pelas várias divisões da casa.

Luís Miguel Oliveira